

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE PSICOLOGIA

RODRIGO DE VARGAS ARAÚJO

TÉRMINO DE CARREIRA PRECOCE EM JOVENS ATLETAS

Porto Alegre

2014

RODRIGO DE VARGAS ARAÚJO

TÉRMINO DE CARREIRA PRECOCE EM JOVENS ATLETAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Prof^a Dr^a. Silvia Helena Koller

Porto Alegre

2014

RODRIGO DE VARGAS ARAÚJO

TÉRMINO DE CARREIRA PRECOCE EM JOVENS ATLETAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Prof^a Dr^a. Silvia Helena Koller

Porto Alegre, 16 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof. Dra. Silvia Helena Koller

Prof. Marco Antônio Pereira Teixeira

Prof.

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Psicólogo Maurício Pinto Marques, com quem trabalhei durante os dois últimos anos de graduação e aprendi inúmeras lições. Influência que me acompanhará durante as minhas práticas e que classifico como um dos pontos altos da graduação.

Gostaria, também, de agradecer à Prof^a Silvia Helena Koller pelo carinho e confiança durante meu trabalho junto ao CEP-RUA. Sempre sendo uma inspiração em relação à paixão com que fala de suas crenças e de seu trabalho. Espero um dia passar pelo menos um pouco dessa paixão através do meu trabalho.

Não poderia de esquecer meus colegas que me acompanharam desde a matrícula. Meus familiares, pelo apoio durante esses cinco anos e principalmente durante a escrita deste trabalho.

Em especial, um agradecimento a minha namorada, Letícia. Pela compreensão quando o tempo juntos diminuiu nesses últimos momentos. Pelo apoio e companheirismo nas noites em claro, pela descontração quando a pressão aumentava e finalmente por todo o esforço em me manter motivado e acreditando quando a dúvida se fazia presente.

RESUMO

A carreira esportiva estabelece-se em fases que o atleta deve percorrer ao longo dos anos. São denominadas transições de carreira o período que se refere à preparação para a nova fase e a sua adaptação à nova etapa da carreira. Os estudos realizados na área têm priorizado a fase relacionada ao término da carreira, buscando criar modelos que expliquem a fase e que possam dar subsídio teórico ao trabalho feito com atletas que se despedem de suas equipes. Este trabalho tem por objetivo buscar na literatura os modelos já criados para a temática, além de buscar formas de trabalhar com o término de carreira precoce de jovens que, por motivos específicos, tiveram sua carreira interrompida. Encontrando no conceito de adaptabilidade de carreira uma alternativa de trabalho preventivo para dificuldades na transição de término de carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Carreira esportiva, psicologia do esporte.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	10
3. REVISÃO DE LITERATURA	10
3.1. Modelos.....	10
3.2. Términos de carreira como evento único e negativo.....	11
3.3. Término de carreira como processo	12
3.4. Fases e Transições de carreira esportiva	14
3.4.1. Fases de Carreira	15
3.4.2. Transições de Carreira.....	15
3.5. Causas para o término de carreira	16
4. Possibilidades de intervenção.....	17
5. Discussão.....	19
6. Considerações Finais.....	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

A inserção no mercado de trabalho realiza-se de diferentes formas. Isso ocorre pois há exigências específicas para cada tipo de carreira. Algumas práticas exigem curso superior, outras valorizam a aprendizagem - prática disponibilizada por cursos técnicos ou desenvolvidas ao longo da vida fora de uma instituição gestora. Entretanto, em algumas práticas, o ensino acaba não ocupando o papel de maior prioridade na preparação para a vida profissional. O esporte é um grande exemplo deste último caso, tendo em vista que na carreira de um atleta, a prioridade que se coloca em pauta é o treinamento físico e tático. Por ser prioridade ocupa boa parte do seu tempo, podendo disputar a atenção do jovem com os estudos. Nesse contexto, vale destacar que durante o processo de formação de um jogador profissional, um atleta gasta entre 5.000 e 6.000 horas (Damo, 2005; Melo, 2010; Marques, 2008).

A formação esportiva, por priorizar a aprendizagem técnica e tática, representa uma carreira sem exigência da formação acadêmica e que poderia possibilitar grandes conquistas e retornos financeiros - atrativos alimentados pela mídia de forma a criar ídolos e heróis, que incentivam as crianças na perseguição dos seus sonhos em se tornarem atletas. Crianças, que em sua maioria (embora o futebol não se restrinja a isso) fazem parte de uma parte da população com menor poder aquisitivo e que vê nesse sonho a possibilidade de mudar a sua vida e a de seus familiares. Em um estudo realizado por Damo (2005) com alunos de escolas públicas e privadas de Porto Alegre, indica que um em cada três meninos, pertencentes à escola pública, deseja tornar-se jogador de futebol (a relação cai para metade em escolas privadas). Crianças que geralmente encontram dificuldades na formação escolar e que têm no esporte uma opção mais acessível de mudança de vida.

O futebol, amplamente difundido no Brasil e no mundo, corresponde a uma opção de carreira para muitos jovens. Buscando a fama vendida pelos grandes canais da mídia, alcançada pelos grandes astros e a possibilidade de ascensão financeira. Destoando-se de carreiras mais tradicionais, em que geralmente a escolha é feita na adolescência (próximo ao término do ensino médio), o esporte exige que o investimento seja realizado com bastante antecedência através da inserção do jovem atleta em escolas e em clubes esportivos a fim de iniciar a formação esportiva. Assim, tendo que priorizar cada vez mais o investimento na sua formação esportiva (no seu treino), o foco no ensino formal, para o jovem atleta, diminui, ficando a escola em segundo plano.

O termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007). Diferencia-se das carreiras mais tradicionais (e com exigências específicas) em alguns aspectos. Já foi dito antes que a formação acadêmica não tem o mesmo destaque. Outra diferença está na decisão pela carreira e o início do investimento. Embora as crianças sejam inseridas cedo em instituições de ensino, o investimento voltado para a profissão só se inicia, salvo exceções, quando essa escolha se faz necessária, ou seja, próximo ao término do ensino médio. Salienta-se, também, que a duração da carreira no esporte é diferente. Enquanto um profissional de outra área tem o término de sua carreira próximo aos sessenta anos, um atleta profissional geralmente tem sua carreira encerrada, no caso do futebol, entre trinta e cinco e quarenta anos. A idade de término varia de acordo com a modalidade esportiva, uma vez que o auge da performance é atingido em diferentes idades nas diferentes modalidades.

O início do investimento no esporte pode ocorrer em diferentes idades, de acordo com a modalidade escolhida pelo atleta. Em alguns esportes, como a ginástica, a exigência do início é ainda na infância. Já o golfe chega ao outro extremo, com atletas mais velhos. No futebol, a idade de início da especialização esportiva, ou seja, quando se investe no aperfeiçoamento da técnica, também é um ponto de corte importante. Isso acontece, porque jogadores de 15 e de 16 anos que não se encontram em clubes profissionais, raramente, terão chance em uma peneira (seleção de jogadores), uma vez que é muito arriscado para um clube apostar em um jogador dessa idade e que ainda não tenha passado pelo treinamento especializado do clube (pelo seu treinamento especializado).

No Brasil, a prática esportiva é regulamentada a partir da LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Também conhecida como Lei Pelé, essa lei organiza os direitos de atletas e diz dos direitos e deveres do clube profissionais. Entre eles a obrigação de garantia de matrícula escolar de atletas em idade escolar. Melo (2010) em seu estudo encontrou que atletas têm escolaridade maior que a população da mesma idade (provável reflexo da Lei Pelé), porém o nível de escolaridade não diz da qualidade do ensino. Isso porque na medida em que evolui, o atleta, para garantir o horário de treinamento físico (que geralmente ocorre nos turnos da manhã e/ou tarde), faz uma passagem gradativa ao ensino noturno (Damo, 2005). Além disso, esse jovem tem seu percurso escolar flexibilizado, por meio do abono de faltas, por exemplo (Barreto, 2012).

Em contraste a essa esperança de mudança de vida e de ascensão financeira, a realidade (fática) é outra. A grande maioria dos jogadores que passam pelas categorias de base

destas equipes não terão seu sustento relacionado à prática esportiva. Das crianças que participam de seleções das categorias de base de times de futebol profissional brasileiro, somente 1% são aprovadas. Dos que conseguem adentrar as equipes de formação, menos de 10% chega a se profissionalizar e desses, cerca de 84% recebe menos de mil reais de salário (*Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan [CEDECA] 2013*).

Assim, diferente de outras carreiras em que a decisão de mudar de área é voluntária, no esporte, alguns fatores tornam o término de carreira eminente e involuntário. Brandão et al (2010) relaciona a não seleção, a idade e as lesões como barreiras que forçam o profissional a se desligar da carreira atlética e a buscar outro tipo de ocupação. SOUZA (2008) considera a carreira atlética frustrada de “difícil reconversão”. Ou seja, esses anos de treinamentos e de práticas esportivas no currículo, somados a anos de baixo investimento nos estudos além de poucas experiências fora do ambiente esportivo dificilmente serão aproveitados no mercado de trabalho da forma que seriam no esporte profissional. Em função dessa dificuldade, o trabalho de um psicólogo esportivo que possa lidar com as questões específicas da carreira esportiva pode ser uma alternativa. Com objetivos que vão desde auxiliar no processo de planejamento da sua carreira até aliviar os sentimentos ruins relacionados à mágoa e frustração de um término de carreira precoce. Com isso em mente, a seguir será exposta a produção científica a respeito da carreira esportiva e suas transições, afim de embasar a necessidade de auxílio a esses jovens.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo buscar na literatura embasamento teórico para o trabalho de preparação de jovens para o término de carreira precoce em função da não seleção.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão inclui estudos referentes a temas relacionados com as fases da carreira esportiva e suas transições. Tem-se como objetivo expor a produção na área e pensar possíveis intervenções que facilitarão a passagem por essa etapa pelos atletas. Esta revisão desenvolve-se através de um histórico dos modelos teóricos, que foram utilizados para explicar as transições atléticas. Além disso, busca-se explicitar as possíveis transições existentes na carreira esportiva, para, posteriormente, focar nos estudos referentes ao término de carreira.

3.1. Modelos

Como dito anteriormente, os estudos sobre as fases e transições de carreira esportiva elucidaram, principalmente, a fase de término de carreira e a aposentadoria. Em função disso, os primeiros modelos teóricos utilizados para entender as transições vieram dos modelos gerontológicos (ou seja, o estudo do processo de envelhecimento) e tanatológicos (ou seja, o estudo dos processos de morrer e de morte (Wyllemann et alli, 1999)). Outros modelos também foram sugeridos, que contrapõem as recém citadas, visto que passam a ver o término de carreira como um processo e não mais como um evento único. Assim, destaca-se que o modelo de saída de papel de Helen Ebaugh, descrito por Drahotá & Eitzen (1998 apud Martini 2003), também foi sugerido como forma de analisar a carreira esportiva. E, verifica-se que, dentro dos modelos de transição, também podem ser citados como alternativa aos modelos gerontológicos e tanatológicos, o Modelo Analítico de Sussman (1972), o Modelo de Adaptação Humana para Transição (Scholssberg, 1981). Outras revisões, como as de Wyllemann et alli (1999), Brandão et alli (2000), Martini (2003), também trazem o Modelo de Investimento, de Farrel & Rusbut (1983), os modelos de Stambulova (1994), e Oglive e Taylor (1998).

3.2. Términos de carreira como evento único e negativo

Na tentativa de elaborar uma percepção a respeito das transições da carreira esportiva, estudiosos, que, na época, focavam (mantinham) seus esforços na transição de término de carreira e aposentadoria, voltaram-se para modelos teóricos que já existiam. Relacionaram, então, essa fase com modelos de tanatologia e gerontologia social.

No caso dos modelos tanatológicos, geralmente, são destacados os modelos de “morte social”, “consciência social” e “estágios de morte” (Martini, 2003, Brandão et alli, 2000, Marques & Samulsky, 2009). O modelo de "morte social", comparando a reforma atlético com a perda de funcionamento social, isolamento, e ostracismo. A "consciência social", que implementa o processo de crescimento da consciência (ou seja, fechado e suspeita de consciência, pretexto mútuo e consciência aberta) de morte iminente (Glaser & Strauss, 1965); E as "fases da morte", que incluem as fases de negação, isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação do término da carreira atlética (Kubler-Ross, 1969 apud Wyllemann et alli, 1999).

Greendorfer & Blinde (1985 apud Taylor & Ogilvie, 1998) destacam quatro abordagens gerontológicas para pensar o término de carreira esportiva: A) A Teoria do Desengajamento (Cummings, Dean, Newell, & McCaffrey, 1960) postula que a sociedade e a pessoa afastam-se mutuamente para o bem de ambos, permitindo que as pessoas mais jovens possam entrar na força de trabalho e para que os aposentados possam desfrutar de seus anos restantes; B) A Teoria da Atividade, de Havighurst & Albrecht (1953), afirma que os papéis perdidos são trocados por novos, de modo que o nível geral da atividade pessoal é sustentada; C) A Teoria da Continuidade (Atchley, 1980) sugere que, se as pessoas têm diferentes papéis, o tempo e a energia a partir do papel anterior podem ser realocados para os papéis restantes; e D) A Teoria da Ruptura Social (Kuypers & Bengston, 1973) propõe, ao unir pontos de outras teorias citadas anteriormente, que a aposentadoria torna os atletas vulneráveis ao julgamento social, interiorizando uma avaliação negativa.

Embora em um momento inicial os estudos tenham se apoiado nas teorias tanatológicas e gerontológicas, estes modelos recebem críticas a respeito da aplicabilidade dos modelos em transições de carreira esportiva. Uma das críticas refere-se ao fato de atletas chegarem à etapa de aposentadoria mais cedo do que profissionais de outras áreas. Isso dá abertura para que o ex-atleta possa (e as vezes se faz necessário) buscar uma nova ocupação profissional. Ressalta-se, ainda, outra crítica que se faz aos modelos: a forma como a transição de carreira é pensada. Nos modelos citados, as transições são vistas como um evento único e essencialmente negativo, o

que difere dos modelos elaborados posteriormente, que entendem as transições como um processo. Somado a isso, o fato de os modelos não considerarem outras fases e transições além do término de carreira (Wylleman; Lavallee; Alfermann, D., 1999).

3.3. Término de carreira como processo

Estes modelos tornaram-se populares nos anos 80, opondo-se aos modelos gerontológicos e tanatológicos, tendo em vista que estes se mostravam limitados e com pouca aplicabilidade (Martini, 2003). Em uma revisão, Wyllemaan et al (2004) questionam o término de carreira como sendo algo essencialmente negativo e traumático, trazendo estudos que apontam sentimentos negativos em apenas 13% a 15% frente os 70%-80% de pesquisas anteriores. Isso sugere que a qualidade da transição dependerá de inúmeros fatores, sendo eles internos ou externos (Brandão et al. 2000).

Na literatura esportiva encontramos modelos como o Modelo Analítico de Soussman (1972, apud Taylor & Oglive, 1998) e o Modelo de Adaptação Humana à Transição de Schlossberg (1981), este último com maior frequência.

Modelos semelhantes, o modelo de Soussman define cinco fatores de influência no término de carreira: (1) individual: valores, metas, habilidades para resolver problemas; (2) situacional: as circunstâncias de aposentadoria, planejamento pré-aposentadoria, renda de aposentadoria; (3) estrutural: a classe social, estado civil, a disponibilidade de sistemas sociais; (4) sociais: família, amigos, apoio social estendido; e (5) as restrições de fronteira: definições sociais, ciclos econômicos, as atitudes do empregador.

Em seu modelo, Schlossberg (1981) define transição como “um evento ou não evento o qual resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios”. Neste modelo, três fatores principais devem ser considerados: a) características da experiência individual com transições similares, b) percepção da transição; c) características do ambiente pré e pós-transição. Verifica-se, pois, que Sinclair e Orlick (1994, apud Wylleman et al. 1999) propuseram modificações nesse modelo, inserindo fatores específicos para que se encaixasse melhor à carreira atlética.

Semelhante ao modelo de Schlossberg, o Modelo de Greendorfer (1992, apud Taylor & Oglive, 1994) pensa o término como processo e aponta que a ênfase deve ser na continuidade e transição, não na finalização.

Stambulova (1994), a partir de sua pesquisa com atletas russos, elaborou modelos psicológicos para a transição de carreira como processos de enfrentamento. A autora considera transições como acontecimentos críticos, decisivos na vida, os quais devem ser superados. Utilizando a abordagem de sistemas, ela sugere a criação de dois modelos de descrição da carreira esportiva: o Modelo Sintético e o Modelo Analítico. O primeiro é dividido em quatro conceitos objetivos (tempo, espaço, informação e energia) e dois subjetivos (satisfação pessoal e nível de reconhecimento social). No segundo, a autora analisa o curso da carreira esportiva como processo, e como tal, com fases e transições.

Tem-se, também, o Taylor & Ogilvie (1998), vez que, com o objetivo de integrar a investigação teórica e empírica, os autores criaram o Modelo Conceitual da Transição de Carreira. Esse modelo examina todo o curso do processo de transição de término de carreira considerando : (a) os fatores que causaram o processo de término de carreira; (b) os fatores relacionados à adaptação para o término da carreira; (c) os recursos de enfrentamento que disponíveis para a adaptação; (d) a qualidade do ajuste à transição de carreira/a qualidade da transição; e (e) possíveis problemas de tratamento para reações estressantes para transição de carreira fatores estressantes ou dificuldades de adaptação e formas de intervenção.

Elucida-se, pois, que o Modelo desenvolvimentista criado por Wylleman & Lavaallee (2004) considera os fatores externos à vida esportiva do atleta, tais como nível escolar, estágio psicológico, apoio social - que ocorrem simultaneamente e se influenciam entre si. Os autores organizaram o modelo em quatro camadas. A primeira composta pelas fases e pelas transições que os atletas enfrentam no seu desenvolvimento (iniciação, desenvolvimento, excelência e aposentadoria), a segunda representa o desenvolvimento a nível psicológico (infância, adolescência e idade adulta), a terceira representa o desenvolvimento psicossocial (referentes a família, amigos, parceiros e treinadores) e a última é referente ao nível de escolarização (ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e ocupação profissional). O modelo ainda sugere idades para cada momento, embora os autores façam a ressalva de que cada esporte tem suas especificidades quanto às idades de cada fase.

Ademais, outras áreas da psicologia aparecem representada pelo Modelo de Investimento de Rusbult's (1980, in Farrel & Rusbult, 1983 apud Wyllemann, 1999) e da sociologia pelo Modelo de Saída de Papel de Ebaugh (1977, 1988 *apud* Drahotka e Eitzen, 1998). O primeiro tendo o foco no comprometimento individual com uma atividade como produto de satisfação, alternativas e investimentos. A segunda proposta expõe a existência de três características básicas da saída de papel: a presença de uma identidade remanescente de ex-

atleta, o fato de a sociedade não desistir da identidade anterior da pessoa e que os impactos da saída de papel não se restringem ao indivíduo (Drahota e Eitzen, 1998).

De acordo com a autora supramencionada, este processo está dividido em quatro estágios. O primeiro estágio é conhecido como “primeiras dúvidas”, no qual o sujeito passa a questionar seus compromissos e os papéis relacionados a sua ocupação. O segundo, “buscando alternativas”, é o momento de busca e comparação de alternativas. No terceiro, chamado “ponto de virada”, o sujeito experimenta a identificação com novos grupos de referência e, após realizar análise dos custos e benefícios da mudança de papel, toma sua decisão. Por fim, o quarto estágio chamado “criando ex-papel” (identificação do papel prévio de si é levada em conta e incorporada na direção de uma futura identidade).

Os autores, para uma melhor adequação do modelo de Ebaugh à população de ex-atletas profissionais, sugerem ainda algumas modificações, como adicionar um estágio de dúvidas originais do momento antes de se tornar atleta profissional. E, para alguns atletas, ao invés do estágio de primeiras dúvidas, levar em consideração a diferença de época na qual o atleta praticava, o significado do tipo de saída e o comportamento de retirada associado com sair do esporte.

3.4. Fases e Transições de carreira esportiva

A carreira atlética é composta por fases que são geralmente organizadas a partir da idade cronológica e da evolução nas categorias dentro de uma modalidade (ex.: desde o pré-mirim até o adulto). Estes estágios podem também estar associados ao nível de rendimento que o atleta alcança, conforme constatou Bloom (1985 apud Marques, 2008). Tal estudo serviu de inspiração para modelos de carreira esportiva posteriores (SALMELA, 1994; STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; WYLLEMANN & LAVALLEE, 2004). Diferentes dos outros, Bloom (1985) e Côté (1999) não enfatizando as transições. Salmela (1994, apud Alferman & Stambulova, 2007), Stambulova (1994) e Wyllemann e Lavallee (2004) consideram todas as transições. Stambulova(1994) e Wyllemann e Levalle ainda expandiram sua análise para além do âmbito esportivo, considerando outros aspectos do desenvolvimento da vida do atleta. Com isso, buscam uma análise mais ampla dos fatores que interferem na carreira esportiva do atleta, incluindo fatores internos e externos ao atleta.

Alferman e Stambulova (2007) elaboraram um quadro reunindo todos os cinco modelos em paralelo. Foram apontadas apenas transições consideradas como normativas por estarem associadas aos estágios progressivos de uma trajetória atlética, sendo assim relativamente

previsíveis. Já as transições não normativas são situacionais e têm menor grau de previsibilidade, por exemplo, uma lesão grave ou dispensa precoce de uma equipe. A imprevisibilidade e o fato destas transições serem involuntárias podem criar sentimentos negativos nos atletas. Wyllemaan et al. (2004) sugerem que os estudiosos desenvolvam mecanismos para darem suporte aos atletas que se encontram com este tipo de transição.

3.4.1. Fases de Carreira

Alferman & Stambulova (2007) organizaram os cinco modelos em 4 fases da carreira esportiva. Primeiro, a fase de iniciação/experimentação, no qual os autores concordam que as crianças estão envolvidas em atividades lúdicas, sem preocupação com o desempenho esportivo e experimentam diferentes esportes. No contexto brasileiro, tal fase se refere às escolinhas esportivas ou brincadeiras de rua dependendo do nível socioeconômico. Segunda fase, chamada fase de desenvolvimento/ especialização, é quando a criança faz a escolha por uma única modalidade esportiva, passando a participar de competições regulares e o nível de comprometimento passa a ser crescente, o que demanda uma maior organização da rotina do atleta. Terceira fase, a fase de excelência o atleta torna-se um expert na modalidade e é acompanhada pela escolha por investir em sua carreira esportiva, tendo em alguns esportes até a opção de profissionalização. Sua vida passa a ser dedicado totalmente ao desempenho esportivo. Por último, a fase de desengajamento, que se refere a uma diminuição do envolvimento do atleta com treinamentos e competições. Em algumas modalidades esportivas esta diminuição da carga de treinamento pode ser vivenciada de forma gradual, mas no caso do esporte profissional e de alto rendimento envolve o afastamento das competições oficiais.

3.4.2. Transições de Carreira

Wyllemaan, De Knop, Ewing e Cumming (2000 apud Marques, 2008) caracterizam cada transição em que o atleta provavelmente enfrentará. Ao todo são quatro transições:

1) *Transição da fase de iniciação para a fase de desenvolvimento:* Em função de exigência da fase de desenvolvimento, o atleta deve adaptar-se a uma carga de treinamento maior. Como consequência do aumento de convivência, o atleta passa a sofrer uma influência maior do treinador (SALMELA, YOUNG & KALLIO, 2000) e conviver mais regularmente com colegas de equipe.

2) *Transição da fase de desenvolvimento para a fase de excelência:* em função da escolha pela profissionalização, essa transição exige dedicação maior em relação ao esporte (WYLLEMANN, DE KNOP, EWING & CUMMING, 2000). Como consequência, há uma diminuição da convivência social fora da rotina esportiva. Em função da grande demanda da fase em que está entrando, a orientação dos treinadores e outros profissionais do esporte, tais como supervisores, psicólogos e diretores é crucial para o atleta lidar positivamente com esta transição.

3) *Transição da fase de excelência para a fase de aposentadoria:* Foco de grande parte da produção científica da área, essa fase pode envolver momentos de crise, alívio ou uma mistura de ambos, dependendo da percepção pessoal que o atleta tem da situação (Sinclair e Orlick, 1993). Os mesmos autores afirmam que a qualidade da transição depende de diversos fatores, incluindo o tipo de aposentadoria (voluntária ou involuntária). As causas de aposentadoria esportiva mais comuns são a idade, processo seletivo, lesões e escolha própria (ALFERMANN, 2000).

4) *Transição da fase de aposentadoria esportiva para outra atividade profissional:* Uma das transições mais conflituosas, pois envolve ajustes sociais, físicos, pessoais, ocupacionais e financeiros (BRANDÃO *et al.*, 2000). No caso de aposentadoria involuntária, também envolve sentimento de frustração (Taylor & Ogilvie, 1998). Esta fase de transição deve ser vista como a principal meta do planejamento da carreira esportiva de um atleta de alto nível.

3.5. Causas para o término de carreira

Taylor e Ogilvie (1998) fazem uma diferenciação entre os fatores que causam o término de carreira. Para os autores, o término de carreira pode ser voluntário ou involuntário. O término de carreira voluntário é caracterizado geralmente pela soma de fatores pessoais (experiências negativas ou interesses fora do contexto esportivo), sociais (demanda de relacionamentos interpessoais) e psicológicos (níveis de satisfação em relação à carreira). Já o término de carreira involuntário, geralmente mais traumáticas do que o anterior, envolvem fatores como idade, a não-seleção e lesões. A carreira esportiva tem como exigência o alto desempenho. Em função disso a idade é um dos grandes causadores de término de carreira, no momento em que o desempenho do atleta começa a baixar. As lesões, por se tratarem de um limitador físico, pode também forçar a saída do atleta do esporte de nível profissional. Por último, a não-seleção. A falta crônica de clubes interessados no atleta, forçam o término de carreira. Em função da não-seleção, grande parte dos jovens que investem na carreira esportiva são forçados a desistir da

carreira. Os autores ainda citam estudos que relacionam outros fatores ao término de carreira como: razões familiares (Mihovilovic, 1968), problemas com treinadores ou a organização esporte (Mihovilovic, 1968; Werthner & Orlick, 1986), e as dificuldades financeiras (Werthner & Orlick, 1986).

Pensando nos jovens atletas que tem imposto o término de carreira, a seguir serão apresentadas possibilidades de intervenção específicas com jovens com objetivo de preparar de forma antecipada, para a possibilidade da não-seleção.

4. Possibilidades de intervenção

Contribuição da área de aconselhamento de carreira, uma alternativa está no trabalho a respeito da adaptabilidade de carreira. O conceito de adaptabilidade faz parte da teoria evolutiva de carreira proposto por David Super e desenvolvido por Savickas em sua teoria de construção de carreira (Savickas, 2002). O autor define o conceito de adaptabilidade como sendo “um construto psicossocial que denota a prontidão e os recursos de um indivíduo para lidar com tarefas do desenvolvimento vocacional atuais e antecipadas, com transições ocupacionais e traumas pessoais” (Savickas, 2004 apud Silva, 2010).

O autor propõe que a adaptabilidade de carreira é composta por quatro dimensões: preocupação, controle, curiosidade e confiança. A dimensão da preocupação refere-se a preocupação em relação ao próprio futuro como trabalhador. Esta é a primeira e mais fundamental dimensão, pois serve de base para as demais. Possuir um senso de orientação quanto ao futuro vocacional leva o indivíduo a atitudes de planejamento, antecipação e preparação. Auxilia também a perceber que passado presente e futuro estão integrados, que as atividades desempenhadas atualmente são fruto de um percurso histórico e estão conectadas com a busca de projetos profissionais futuros. Possuir um senso de orientação quanto ao futuro vocacional auxilia. A dimensão controle, diz respeito a sentir-se responsável por construir a própria carreira, o que implica uma postura ativa em fazer escolhas e determinar o futuro profissional. Esta postura leva os indivíduos ao enfrentamento das questões vocacionais de forma assertiva ao invés de conduzir à procrastinação. A dimensão curiosidade refere-se a iniciativa para buscar descobertas e aprendizados sobre oportunidades e atividades de trabalho em que o indivíduo gostaria de se engajar. Envolve o autoconhecimento e o conhecimento sobre o mundo ocupacional. A dimensão confiança diz respeito a crença do indivíduo em sua competência para resolver o complexo processo de escolha profissional. Significa lidar com as

dúvidas e ambiguidades, tendo a expectativa de resolver de forma apropriada a situação-problema.

Uma intervenção com jovens atletas que tente aprimorar sua postura de acordo com as dimensões citadas poderia facilitar o processo de transição de carreira. Isso porque se buscaria trabalhar de forma preventiva questões da carreira esportiva, havendo o término de carreira precoce ou não. Estimulando e conscientizando a respeito das especificidades da carreira esportiva (tais como ser uma carreira mais breve, a competitividade e a importância do alto desempenho), o atleta poderia estar mais bem preparado em caso de uma não-seleção, bem como preparar-se para o término futuro (aos 35-40 anos).

Marques (2008) reúne algumas possibilidades de intervenções com atletas em transição de carreira. O autor cita: Habilidades Transferíveis, Aconselhamento por ex-atletas ou atletas mais experientes, Preparação para o mercado de trabalho e oportunidades de emprego, Treinamento Mental, Identificação de necessidades pessoais, Identificação do contexto socioeconômico, Manter contato com organizações esportivas, Currículos adaptados para jovens atletas, Suporte social e emocional. Dentre elas, pode-se relacionar com intervenções nas dimensões de adaptabilidade de carreira:

Habilidades Transferíveis - Diz de auxiliar o atleta a transferir as habilidades desenvolvidas no contexto esportivo para outros âmbitos da vida. Sua importância está em validar o tempo e a experiência que o atleta teve nessa etapa de sua vida, mostrando que mesmo que tenha que deixar a carreira esportiva, a o conhecimento que adquiriu no esporte poderá contribuir na busca de uma nova carreira. Habilidades como atuar sob pressão, resolução de problemas, trabalho em grupo, liderança (MAYOCHI & HANRAHAN, 2000 apud Marques, 2008). Aqui, a intervenção está relacionada à dimensão de preocupação. Isso pois relaciona as atividades atuais como importantes para o futuro da carreira (seja dentro ou fora do esporte).

Aconselhamento por ex-atletas ou atletas mais experientes (HACKFORT & HUANG, 2005 apud, Marques, 2008) - Passagem de experiências de atletas mais experientes a fim de sensibilizar o jovem atleta para a importância do planejamento da carreira e aconselhá-lo em momentos críticos de transição. Uma intervenção que poderia afetar a dimensão de preocupação e a dimensão da confiança. O primeiro pois cria a oportunidade do jovem empenhar-se em sua carreira. O segundo, pois através de modelos bem-sucedidos, mostra que é possível superar os as transições de carreira de forma positiva.

Preparação para o mercado de trabalho e oportunidades de emprego – Em função da grande carga horária de treinamento, o atleta pouco se prepara para o mercado de trabalho fora do esporte. Tarefas como elaboração de currículo, preparação para entrevistas, contatos com

outras áreas profissionais e capacidade de comunicação, devem ser trabalhados com o atleta (PETITPAS *et al.*, 1997 apud MARQUES). Neste ponto, a dimensão da curiosidade, auxiliando o atleta a criar novas possibilidades de carreira e de identidades profissionais além da de atleta.

Identificação do contexto socioeconômico - Taylor & Ogilvie (1998) sugerem considerar o contexto socioeconômico do atleta, uma vez que as possibilidades de um jovem de classe média são mais favoráveis que as de um jovem de classe baixa em relação a dar seguimento aos estudos durante a prática esportiva. Sendo, assim, importante considerar que um jovem atleta de classe baixa pode ter o esporte como única possibilidade de ascensão social e financeira para si mesmo e sua família ao pensar em uma intervenção. Neste caso, flexibilizar o destaque deste plano de carreira, tendo em vista a grande concorrência, e abrir para novas oportunidades, criando contexto para que as dimensões de preocupação (no sentido de planejamento) e de curiosidade (no sentido de buscar novas opções).

Currículos adaptados para jovens atletas – Novamente em função da demanda de tempo (seja para treinamentos seja para competições) o atleta estudante pode ter dificuldade em conciliar as tarefas escolares com as obrigações com o clube. Uma parceria escola / clube pode oferecer um calendário adaptado e um currículo com disciplinas que abordem temas específicos do esporte, ou mesmo orientação vocacional para a carreira esportiva e não-esportiva. Neste caso, auxiliar o atleta a valorizar a escola tanto quanto o treino de habilidades esportivas, trabalhando no âmbito da dimensão da preocupação. Bem como na dimensão de controle, no qual propicia uma postura mais ativa quanto as questões de sua carreira.

5. Discussão

A carreira esportiva é um campo de atuação que atrai muitos jovens. Buscando ascensão financeira e fama, eles direcionam seu tempo e seu esforço na tentativa de aprimorar suas habilidades e com isso, se destacar na modalidade escolhida. A prática esportiva torna-se a prioridade, desqualificando a papéis secundários o estudo, a socialização e as experiências fora do esporte.

Infelizmente, a procura é maior que a demanda, fazendo com que grande parte dos jovens seja dispensada. Uma carreira que leva em consideração o alto desempenho, buscando os atletas ainda muito jovens, frustra muitos, senão a maioria dos sonhadores. Infelizmente o cuidado com o atleta não ultrapassa a barreira do físico, ou seja, no que se refere aos treinamentos. A literatura mostra a preocupação em entender a carreira esportiva como uma

sequência de fases separadas entre elas por transições. Tais transições consideram tanto as características específicas de cada fase, quanto as especificidades do ambiente pré e pós-transição, sugerindo que o atleta seja capaz de lidar com as questões emergentes. Esse processo pode proporcionar momentos de tensão aos atletas, corroborando para a importância de um acompanhamento especial que os auxilie a atravessar cada etapa, principalmente a referente ao término de carreira, considerado o momento mais delicado da carreira de um atleta. Isso porque somado à decepção do fracasso do sonho de atleta, geralmente existe a necessidade de investimento em uma carreira diferente. Isso ocorre pois grande parte dos atletas é dispensada por não-seleção e mesmo aqueles que superam a esmagadora concorrência, terão seu desempenho diminuído em função da idade, tornando o término de carreira iminente.

O papel da equipe técnica de um clube, incluindo o psicólogo, se resume a aumentar o desempenho. Sendo assim o atleta é sobrecarregado de horas de treinamento visando o primeiro contrato profissional com o clube, deixando de lado oportunidades de autoconhecimento e aprimoramento de outras habilidades importantes na vida de um sujeito.

A contribuição da área de aconselhamento de carreira tem aqui a função de complementar os modelos de carreira da área da psicologia esportiva. Intervenções específicas focando nas dimensões de preocupação, controle, curiosidade e confiança podem ser uma alternativa para o auxílio dos atletas. No caso de um término de carreira precoce, o jovem teria ferramentas para lidar com as demandas da transição. Isso pois em função do aprimoramento na dimensão preocupação, o atleta mostraria maior preocupação com seu futuro enquanto desportista, buscando uma postura mais ativa quanto as questões de sua carreira (dimensão controle), buscando opções nas quais poderia se inserir e oportunidades de crescimento pessoal (dimensão curiosidade), tudo isso a partir da crença de capacidade em lidar com a possível situação-problema (controle).

O conceito de adaptabilidade de carreira pode contribuir para o trabalho com os atletas (tanto com os que têm futuro no esporte quanto os que terão de buscar outra carreira). Entretanto nenhum estudo foi feito para comprovar sua efetividade. Tendo isso em vista, sugere-se mais foco ao trabalho com atletas pensando nas dimensões da adaptabilidade no contexto da carreira esportiva.

6. Considerações Finais

Levando em consideração os modelos de carreira presentes na literatura, bem como as possíveis transições (previstas ou imprevistas) que um atleta enfrenta, uma estratégia de amenizar as tensões relacionadas a cada etapa do seu percurso está em dar auxílio no planejamento de carreira do atleta. Os modelos teóricos evoluíram o entendimento de carreira esportiva de uma sequência de eventos pontuais para um processo composto por transições. Deixaram de focar apenas na fase final da carreira para pensar a carreira como um todo (embora a maioria dos estudos ainda esteja relacionado ao término de carreira). Levando em conta elementos pessoais e ambientais, os modelos mais atuais buscam entender as transições como oportunidades de crescimento mais do que um evento negativo. Sendo assim, uma atenção maior deve ser dada às dificuldades dos atletas para além do âmbito da excelência da prática esportiva. Trabalhar as quatro dimensões da adaptabilidade de carreira, como proposto por Savickas, poderia facilitar seu desenvolvimento dentro do esporte, bem como prepara-lo para a busca de uma nova ocupação profissional.

REFERÊNCIAS

ALFERMANN, D. & STAMBULOVA, N. **Career Transitions and career termination**. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund (Eds), *Handbook of Sport Psychology* (3rd ed., p.712-736). New York, Wiley, 2007.

BARRETO, P.H.G. **Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol**: Um Estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo. (Dissertação de Mestrado). Vitória: PPGEF/UFES, 2012.

BRANDÃO, M.R.F.; AKEL, M.C.; ANDRADE, S.A.; GUISELINI, M.A.N.; MARTINI, L.A.; NASTÁS, M.A. **Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva**: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.49-58, 2000.

BRASIL, 1998. Presidência da República, Casa Civil. **Lei 9.615, de 24 de março de 1998**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de março de 1998.

Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (2013). **A infância entra em campo: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol**. Salvador: CEDECA.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DRAHOTA, J. & EITZEN, D. **The Role Exit of Professional Athletes**. *Sociology of Sport Journal*, 15, 263-278, 1998.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional**: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MARQUES, M. P. **Análise da transição de carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MARTINI, L. A. (2003). **Causas e conseqüências da transição de carreira atlética**. In: RUBIO, K (org). *Psicologia do esporte: teoria e prática*. São Paulo : Casa do Psicólogo, pp. 187-210.

SAVICKAS, M. L. (2002). **Career Construction**: A developmental Theory of Vocational Behavior. In: D. Brown & L. Brooks (Eds), *Career Choice and Development* (pp.149-205). 4th Ed. San Francisco: Jossey-Bass.

SCHLOSSBERG, N. K. **A model for analyzing human adaptation to transition**. *The Counseling Psychologist*, 9, p. 2-18, 1981.

SILVA, C. S. C. (2010). **De estudante a profissional: A transição de papéis na passagem da universidade ao mercado de trabalho** (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de, et al. **Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul/dez, 2008.

SINCLAIR, D. A. & ORLICK, T. **Positive transitions from high-performance sport**. The Sport Psychologist, 7, p. 138-150, 1993.

STAMBULOVA, N. V. (1994). **Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis**. In The Sport Psychologist, 8(3), pp. 221-237

TAYLOR, J. & OGILVIE, B.C. **A conceptual model of adaptation to retirement among athletes**. Journal of Applied Sport Psychology, 6, p. 1-20, 1994.

TAYLOR, J.; OGILVIE, B. **Career transition among elite athletes: is there life after sports?** In: WILLIAMS, J. M. (ed). Applied Sport Psychology: Personal Growth to Peak Performance, 3 ed. Mountain View, CA: Mayfield, p. 429-444, 1998.

WYLLEMANN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. **Career transitions in sport: European perspectives**. Psych Sport Exerc, v. 5, p. 7-20, 2004.

WYLLEMANN, P. & LAVALLEE, D. **A developmental perspective on transitions faced by athletes**. In: WEISS, M. (Ed.), Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p. 507-527, 2004.

WYLLEMANN, P.; LAVALLEE, D. & ALFERMANN, D. (Eds.) **Career transitions in competitive sports**. Biel, Switzerland: European Federation of Sport Psychology Monograph Series, 1999.